

CADERNO PEDAGÓGICO

**ORALIDADE, LEITURA E ESCRITA EM PRÁTICAS
DE INTERAÇÃO SOCIAL DOS EDUCANDOS DA EJA:
TRABALHANDO COM O GÊNERO RELATO DE MEMÓRIAS**

Giselda Alves Menezes Vieira

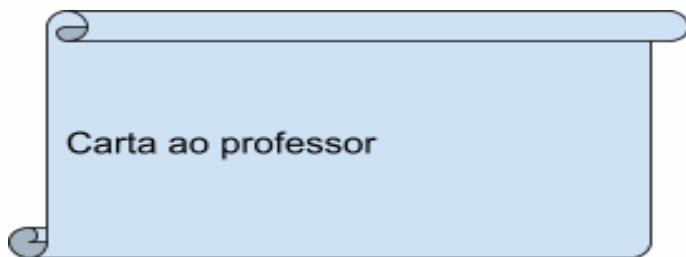


São Cristóvão, SE / 2023

SUMÁRIO

1.APRESENTAÇÃO	3
2.INTRODUÇÃO	5
3.METODOLOGIA	14
3.1.SEQUÊNCIA DIDÁTICA	14
3.2.Aplicação da Sequência Didática (algumas etapas)	33
4. PALAVRA FINAL	39
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1.APRESENTAÇÃO



Querido Professor,

Venho por meio deste caderno ampliar as discussões sobre as aulas de Português nas turmas de EJA (Educação de Jovens e Adultos), especificamente na última etapa do Ensino Fundamental (IV EJA EF) e trazer algumas propostas, através de uma sequência didática, a fim de que este público sinta-se acolhido e valorizado e tenha êxito no mercado de trabalho, motivo principal pelo qual retornam à escola.

É notório, portanto, que práticas tradicionais ainda estão enraizadas em nossas escolas, tendo em vista que há uma preocupação apenas com conteúdos sem uma interação com a realidade dos educandos, resultado da nossa formação ao longo dos anos.

Como professora de Português há mais de duas décadas, reconheço a importância dos conteúdos gramaticais, da escrita de acordo com a norma padrão, porém tenho percebido uma resistência por parte dos alunos, pela dificuldade em relacionar estes conteúdos com a vida cotidiana, principalmente o público da EJA.

Antunes (2003) faz uma ampla reflexão a respeito das aulas de Português. Segundo ela, aprender ortografia e conceitos gramaticais são importantes, porém a escrita não pode ser resumida ao ato de observar apenas os erros. A autora ainda ressalta que “precisa ir além da função de exercício escolar e enfatiza a importância de um planejamento adequado para que os textos cumpram seu papel de caráter social”.

Ideia defendida também por Possenti, em Por que (não) ensinar gramática na escola (1996) que faz uma crítica ao ensino mecânico da língua sem relação com a realidade. Ainda de acordo com o autor, quando a escola não entende que a

língua é dinâmica, foca apenas nos erros, qualifica o aluno como incapaz de aprender a própria língua.

É importante destacar que não é para banir o ensino de regras e conceitos, mas repensar a forma como trabalhamos a Língua Portuguesa, de maneira que tudo esteja relacionado com as vivências de cada um, onde haja reflexão sobre o contexto social no qual estamos inseridos.

Diante disso, convém ressaltar que este caderno propõe atividades que envolvem alguns eixos da BNCC (Base Nacional Curricular) que tratam da oralidade, da habilidade para ouvir e falar ,como também do respeito aos direitos humanos, algo tão defendido por Paulo Freire,em que o aluno precisa ser visto, portanto, como um ser que constrói seu conhecimento de forma crítica e participativa.

2.INTRODUÇÃO

A escola enfrenta muitos desafios em relação ao ensino da Educação de jovens e adultos (EJA).Podemos destacar como um dos principais, a falta de políticas públicas que contemplem a este público que já vem de uma realidade de evasão e fracassos escolares e procuram na escola, respostas que atendam às suas expectativas, porém se deparam com um espaço que, aparentemente, não foi planejado para atender suas especificidades.

Dentro desse contexto, podemos destacar,ainda, o currículo que não atende também a este público em distorção de série,que traz uma bagagem que precisa ser levada em conta e então é a partir dessas vivências, que o currículo deve ser construído, conforme parecer CNE/ CEB 11 de 2020.

A EJA, de acordo com a Lei 9.394/96, passando a ser uma modalidade da educação básica nas etapas do ensino fundamental e médio, usufrui de uma especificidade própria que, como tal, deveria receber um tratamento consequente.

Freire defende, portanto , uma educação através de conhecimentos prévios dos alunos,a partir de práticas sociais do uso da oralidade e da escrita, onde o aluno possa escrever sua história e autobiografia.

Para tanto, faz-se necessário um planejamento voltado para a construção da identidade,para que o educando valorize a sua história e transforme a sua realidade social. A aprendizagem se torna eficaz quando o outro é estimulado a aprender.

É evidente que a EJA (Educação de jovens e adultos) no Brasil, já passou por vários processos desde o seu surgimento, com a atuação dos jesuítas, porém ainda precisa avançar mais. Muitas mudanças ocorreram,mas ainda não contemplam, de fato, a Educação de Jovens e Adultos. Desse modo,algumas políticas públicas precisam ser avaliadas para atender aos anseios deste público, que ainda se sente marginalizado.

Em Sergipe, são muitos os programas que procuram atender a EJA, porém, de acordo com dados do INEP, a matrícula vem caindo satisfatoriamente, e a pandemia fez esse número aumentar. Embora os dados do governo apontem um crescimento no número de matrículas, pensar apenas na matrícula é muito

superficial porque com a realidade das matrículas online, as estatísticas contrariam a realidade da sala de aula, com o agravante do fechamento de turmas em algumas escolas, devido à evasão.

O MEC, por sua vez, afirma que a inclusão deste público é prioritária, porém na prática, não se percebe esta afirmação, visto que os recursos destinados são escassos e não atendem a sua realidade, contrariando a Constituição de 1988 que assegura uma educação como direito de todos, em consonância com a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB, Lei 4.024/61), que reconhece legalmente também a educação como um direito de todos, sendo dever do Estado ofertar um ensino de qualidade, e a escola ser um espaço, sobretudo, de formação humana, de diálogo, interação e participação.

A proposta desta pesquisa é contribuir para a valorização do educando, de forma que ele veja a escola como um lugar de inclusão. De acordo com a fala deles, o abandono da escola vem por causa da demanda de trabalho, muitas vezes o padrão os impede de estudar, outro motivo ainda é a maternidade. A maioria, por sua vez, reclama do formato das aulas, que não atendem às suas expectativas.

A opção pelo gênero “ Relato de memórias “se deve à percepção da dificuldade que estes alunos têm em falar sobre si e se ver como sujeitos ativos nos processos escolares de construção de identidades, devido aos problemas enfrentados no dia a dia. O abandono dos pais é uma realidade constante na vida desses jovens, um dos motivos pelos quais sentem dificuldades para falar, mas é notório que ficam mais dispostos a aprender, quando conseguem contar sua história, pois desenvolvem autoconfiança e se deparam com outras realidades vivenciadas pelos colegas.

Trabalhar as memórias também contribuem para que haja a valorização de outras gerações, aproxima dos avós que são figuras importantes em sua vida, além de moradores mais antigos e são muitas vezes desprezados pela forma como lidam com as mudanças ocorridas ao longo dos anos.

A aluna Andréia Dória Aragão, da turma II do Profletras/UFS, em São Cristóvão-SE, sob a orientação da Professora Dra. Denise Porto, desenvolveu seu trabalho na produção textual “ Relato Pessoal”, com foco na oralidade e memórias, como forma de promover a partilha de experiências e vivências trazidas pelos educandos, corroborando com Paulo Freire quando defende uma educação

pautada na experiência e saberes que contribuem ativamente no processo de aprendizagem.

É, portanto, uma atividade que permite a interação com pessoas, objetos, lugares que fizeram parte do passado e fazem parte de suas origens, além de trazer reflexões sobre o presente e possibilidades de mudanças futuras, na construção da cidadania.

As vivências são importantes para nos conectar ao passado e programar o futuro e nos ajuda ao resgate da identidade e de acordo com Elias José: “nossa forma de pensar, de agir, de planejar e de realizar o futuro depende estritamente daquilo que sabemos, ou seja, daquilo que lembramos. Somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos” (JOSÉ, 2012, p. 11)

Nessa perspectiva, Adélia Prado, escritora mineira, fala dessas memórias de uma forma leve, saudosa, e passa a importância de nutrir essas memórias afetivas, sejam negativas ou positivas, e mostra que é possível continuar aprendendo com elas, para que este passado não se torne um fardo.

Outro fator importante que podemos destacar neste gênero é a oralidade, a forma como se expressam e deixam também que os outros falem. Todos ficam empolgados com a história do outro. Portanto, faz-se necessária uma ação que acolha estes alunos com sonhos corrompidos, mas de esperança e a escola precisa ser este espaço que auxilie na busca do significado da sua própria existência.

De acordo com os PCNs (1997), a escola é a responsável pelo ensino da oralidade formal, de modo que o aluno possa usá-la além dos muros da instituição de ensino, nas diversas situações do cotidiano, como podemos conferir a seguir:

“Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais...A aprendizagem de procedimentos eficazes tanto de fala como de escuta, em contextos mais formais, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la.(Brasil, 1997, p.32)

Bakhtin (1992) corrobora com esta ideia quando afirma que precisamos usar a linguagem de acordo com as especificidades de cada campo e assim, obter êxito nas diferentes situações do cotidiano. Por sua vez, Freire destaca que a oralidade abre espaço para que o discente seja sujeito de sua história na sociedade, pois

este traz consigo conhecimentos diversos que devem ser respeitados ,como também, precisam ser ouvidos para fazer relação com conhecimentos novos.

Sendo assim,o presente trabalho será realizado no Colégio Alceu Amoroso Lima, situado no bairro Aeroporto, em Aracaju/SE. É uma escola pequena,com apenas oito salas, tem uma área externa grande, sem utilidade, devido ao acúmulo de mato e funciona nos três turnos, sendo o noturno reservado para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A unidade possui um total de 608 alunos, sendo 167 matriculados na EJA. Esta pesquisa dar-se-á na IV etapa do Fundamental, que atualmente há 28 alunos matriculados, porém apenas 15 frequentam as aulas assiduamente.¹

RELATÓRIO DAS TURMAS 2023				
TURMAS	TURNO	ENTURMADOS	VAGAS	NÃO ENTURMADOS
1º ANO	MANHÃ	24		
2º ANO		25		
3º ANO U		26		
2ª FASE		19		
4º ANO A		25		
4º ANO B		14		
5º ANO A		24		
5º ANO B		22		
SUB TOTAL		179		
TURMAS	TURNO			
6º ANO A	TARDE	32		
6º ANO B		32		
7º ANO U		36		
8º ANO A		35		
8º ANO B		30		
9º ANO U		31		
3ª FASE U		37		
4ª FASE U		29		
SUB TOTAL		262		
TURMAS	TURNO			
-----	NOITE	-----	-----	-----
-----		-----	-----	-----
4ª EJA EF		28		
1º EJA EM MATRIZ NOVA A		40		
1º EJA EM MATRIZ NOVA B		37		
2º EJA EM MATRIZ NOVA U		34		
3º EJA EM MATRIZ NOVA U		28		
SUB TOTAL		167		
TOTAL GERAL		608		

ATUALIZADA EM 09/03/2023

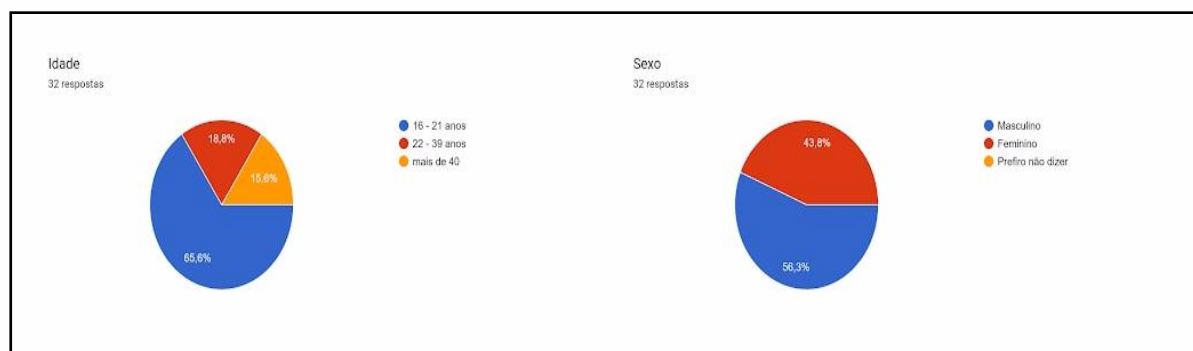
A Instituição recebe alunos do bairro e circunvizinhos (Santa Maria, Atalaia, 17 de março e Coroa do Meio). Estes alunos são, em sua grande maioria, trabalhadores informais da construção civil, diaristas, donas de casa, dentre outros. É um público jovem, recém-chegado do ensino regular. Percebe-se nesses

¹ Informação cedida pela Secretaria da Escola em 2023

jovens, uma falta de perspectiva em relação ao futuro, devido ao histórico de fracasso em anos escolares anteriores.

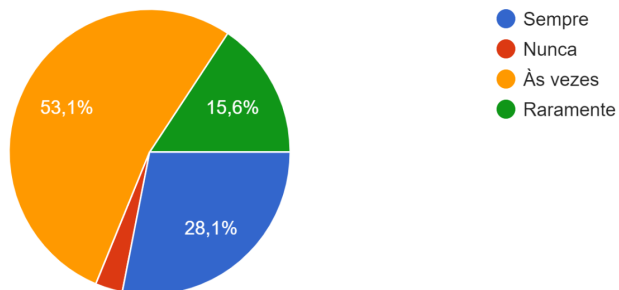
É, portanto, um público que precisa de um olhar diferente, de uma metodologia de ensino que traga resgate de sonhos, autoconfiança e estímulo para o mercado de trabalho, este é o principal motivo pelo qual eles voltam para a escola. Mas se deparam com um espaço que, aparentemente, não foi planejado para tal, e os resultados não poderiam ser piores: evasão e repetência e o que é mais grave: várias escolas têm fechado as portas para esta modalidade, devido a baixa procura.

Através de um formulário preenchido pelos alunos, como avaliação diagnóstica, resolvi partir de um ponto muito importante, que é a leitura, por ser uma ferramenta imprescindível para a construção de um cidadão ativo, protagonista da própria história, além do resgate de valores e da autoestima. Esse formulário define o perfil do leitor e está organizado em seis perguntas, como podem ver abaixo com os seguintes resultados:



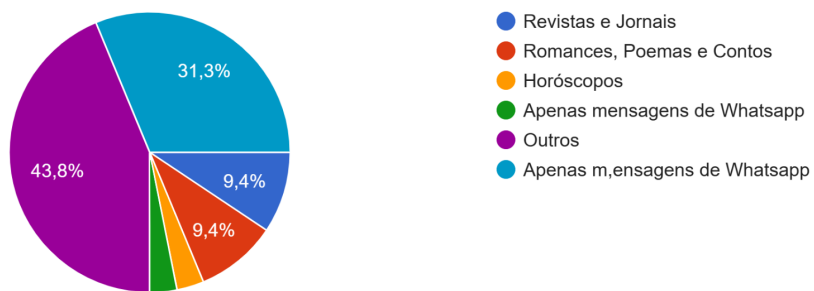
1 - Com que frequência você costuma ler?

32 respostas



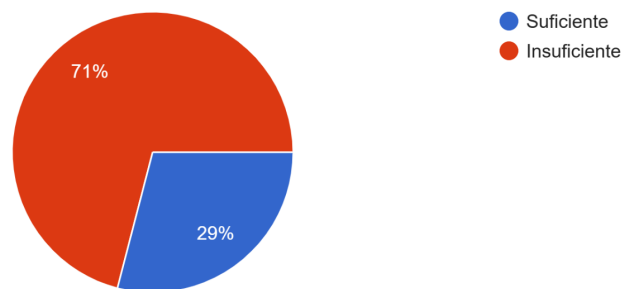
2- O que você costuma ler?

32 respostas



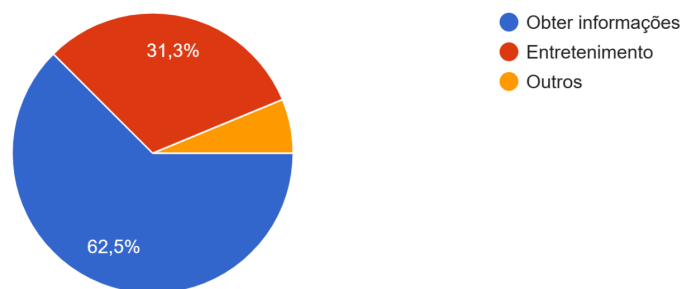
3 - Você considera seu tempo dedicado à leitura:

31 respostas



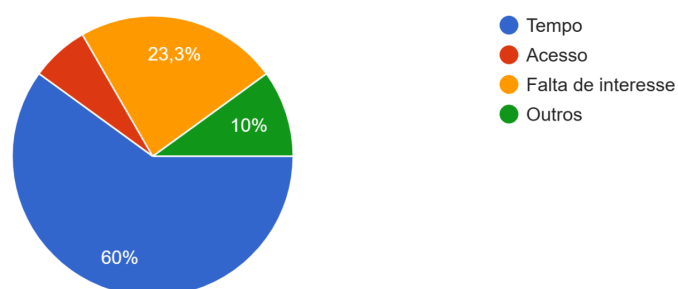
4 - Você lê para:

32 respostas



5 - O que mais dificulta o seu hábito de ler?

30 respostas





A partir deste diagnóstico,elaborei uma sequência didática, a fim de que o público da EJA sinta-se acolhido e valorizado através de suas vivências. Segundo Dolz e Schneuwly, as sequências didáticas são ferramentas pedagógicas importantes, pois tornam-se mais atraentes e menos cansativas .

Nessa SD serão trabalhados textos autobiográficos de autores como: Adélia Prado, Tatiana Belinky, textos de alunos que participaram da Olimpíada de Língua Portuguesa, em 2012, além do texto” Encontros e desencontros” de minha autoria, na Coletânea “Sobre nossas avós”, idealizada pela Professora Dra. Maria Aparecida Silva Ribeiro, em 2021 Durante o desenvolvimento da atividade proposta, trabalharemos com o mural virtual, recurso do PADLET, bastante utilizado durante a pandemia para fixação de conteúdos e memórias. O uso de imagens é importante para ativar a memória e voltar ao passado.

E sobre imagens,o escritor DIDI Huberman, em seu livro “ A imagem sobrevivente” ,destaca a obra “**Mnemosyne**”, do historiador alemão Warburg,que através das imagens via sobrevivência no passado, além de viajar pela diversidade, cultura e época, ou seja, as imagens podem ser instrumentos de encontros,respeito às diversidades, épocas, valores, pessoas.

Outra atividade que merece destaque é o trabalho com cinema, que tem origem na oralidade, através de recortes, voltados para temas que envolvem origens, família, relacionamentos, escrita, multiletramentos,dentre outros.

Figura 1. (Sala de cinema)



Fonte: www.vuduchateau.com

Os filmes são ferramentas atraentes para o aluno por sua dinamicidade para o ensino. Na escola, cinema e leitura podem formar uma dupla infalível, devido ao número de obras adaptadas para o cinema, ambos são distintos, porém se complementam, ao assistir um filme, portanto, abre-se espaço para novos leitores, pois surge a busca pelos livros que inspiraram os filmes para conhecer a obra escrita em sua integralidade.

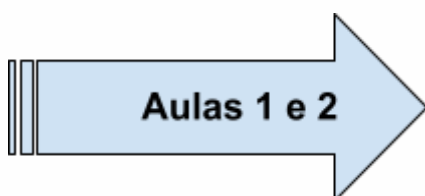
Porém, o docente precisa planejar bem a sua aula para trabalhar com filmes, deixando claro quais objetivos quer atingir, pois estes são muito importantes na vida dos brasileiros, mas nem sempre encontram seu lugar na sala de aula. Para os alunos da EJA, que chegam cansados de um dia de trabalho exaustivo, é uma proposta bastante interessante, convém, portanto, se utilizar desse ponto positivo e incluir os conteúdos e temas propostos.

O filme provoca sensações que nos permitem conhecer melhor o mundo, o outro e nós mesmos através de recursos audiovisuais que hoje é amplamente utilizado pelos nossos alunos, sejam em anúncios, propagandas, youtubers, whatsapp, e precisa ser direcionado pelo professor para que cumpra o seu papel no que diz respeito à forma como o aluno enxerga o mundo e passe a ser um espectador ativo.

3.METODOLOGIA

A metodologia utilizada será uma sequência didática distribuída em 16 aulas, sendo duas aulas por semana. Serão utilizados recursos audiovisuais, whatsapp e tudo que for trabalhado será publicado no mural virtual, numa espécie de linha do tempo. O mural virtual, do padlet, foi um recurso muito utilizado durante a pandemia, nele os alunos podem fazer publicações orientadas pelo professor, além de tecer comentários e tirar dúvidas sobre as atividades realizadas em sala de aula. Esse mural tem como foco as imagens.

3.1.SEQUÊNCIA DIDÁTICA



- Nas primeiras aulas, a proposta é trabalhar o fragmento da obra de Tatiana Belinky “ Transplante de menina”, cujo assunto principal são suas vivências quando chega ao RJ ,aos 10 anos de idade. Providenciar cópias para todos os alunos e fazer a leitura em voz alta, em seguida pedir para que os alunos falem sobre suas impressões do texto e sobre as experiências da infância como: brincadeiras, família, escola...Em seguida, refletir sobre o tema “ Minha infância.

TEXTO I

[...] Depois do almoço, continuávamos o nosso turismo carioca. Papai e mamãe, mais o primo – feliz proprietário de uma “baratinha” – nos levavam, todos empilhados, a passear pela cidade do Rio de Janeiro. E foi assim que ficamos conhecendo o Morro da Urca e o Pão de Açúcar – ai, que emoção – pelo funicular, o “bondinho” pendurado entre aqueles enormes rochedos. E de onde se descortinava uma vista empolgante, só

superada pela paisagem de tirar ainda mais o fôlego que se estendeu diante de nossos olhos, quando subimos – passageiros de outro trenzinho incrível, quase vertical – ao alto do Corcovado. Ali ainda não se erguia a estátua do Cristo Redentor, que é hoje o cartão-postal do Rio de Janeiro. Mas me parece que o panorama era, por estranho que pareça, bem mais “divino” ao natural, sem ela.

Fomos passear também na Gávea e na Avenida Niemeyer, ainda bastante deserta, e na Tijuca, com a sua floresta e a sua linda Cascatinha. “Cascatinha”, por sinal, era o nome da cerveja que papai tomava com muito gosto, enquanto nós, crianças, nos amarrávamos num refrigerante incrível que tinha o estranho nome de Guaraná.

Não deixamos de passear pelo centro da cidade, na elegantíssima Rua do Ouvidor, e na muito chique Cinelândia, em frente ao Teatro Municipal e suas escadarias, com seus bares e sorveterias na calçada. E, claro, na Avenida Rio Branco, reta, larga, e imponente, embicando no cais do porto, por onde chegamos ao Brasil pela primeira vez.

E foi nessa Avenida Rio Branco que tivemos a nossa primeira impressão – e que impressão! – do carnaval brasileiro. Eu já tinha ouvido falar em carnaval: na Europa, era famoso o carnaval de Nice, na França, com a sua decantada batalha de flores; e o carnaval de Veneza, mais exuberante, tradicional, com gente fantasiada e mascarada dançando e cantando nas ruas. E havia também os luxuosos, e acho que “comportados”, bailes de máscaras, em muitas capitais europeias. Eu já ouvira falar em fasching, carnevale, Mardi Gras – vagamente. Mas o que eu vi, o que nós vimos, no Rio de Janeiro, não se parecia com nada que eu pudesse sequer imaginar nos meus sonhos mais desvairados.

Aquelas multidões enchendo toda a avenida, aquele “corso” – o desfile interminável e lento de carros, para-choque com para-choque, capotas arriadas, apinhados de gente fantasiada e animadíssima. Todo aquele mundaréu de homens, mulheres, crianças, de todos os tipos, de todas as

cores, de todos os trajes – todos dançando e cantando, pulando, saracoteando, jogando confetes e serpentinas que chegavam literalmente a entupir a rua e se enroscar nas rodas dos carros... E os lança-perfumes, que que é isso, minha gente! E os “cordões”, os “ranchos”, os “blocos de sujos” – e todo o mundo se comunicando, como se fossem velhos conhecidos, se tocando, brincando, flertando – era assim que se chamavam os namoricos fortuitos, a paquera da época -, tudo numa liberdade e descontração incríveis, especialmente para aqueles tempos tão recatados e comportados... Tanto que, ainda vários anos depois, uma marchinha carnavalesca falava, na sua letra alegremente escandalizada, da “moreninha querida... *que anda sem meia em plena avenida*”.

Ah, as marchinhas, as modinhas, as músicas de carnaval, maliciosas, buliçosas e engraçadas, algumas até com ferinas críticas políticas... E os ritmos, e os instrumentos – violões, cuícas (coisa nunca vista!), tamborins, reco-recos...

E finalmente, coroando tudo, as escolas de samba, e o desfile feérico dos enormes carros alegóricos das sociedades carnavalescas – coisa absolutamente inédita para nós – com seus nomes esquisitos, “Fenianos”, “Tenentes do Diabo” – cada qual mais imponente, mais fantástico, mais brilhante, mais deslumbrante, mais mirabolante – e, para mim, nada menos que acachapante!

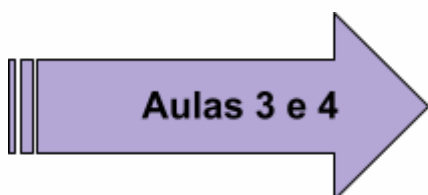
E pensar que a gente não compreendia nem metade do que estava acontecendo! Todo aquele alarido, todas aquelas luzes, toda aquela agitação, toda aquela alegria desenfreada – tudo isso nos deixou literalmente embriagados e tontos de impressões e sensações, tão novas e tão fortes que nunca mais esqueci aqueles dias delirantes. Vi muitos carnavais depois daquele, participei mesmo de vários, e curti-os muito. Mas nada, nunca mais, se comparou com aquele primeiro carnaval no Rio de Janeiro, um banho de Brasil, inesquecível...

Transplante de menina. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2003.

- Logo após, falar sobre o mural virtual, já conhecido por eles, porque foi muito utilizado durante a pandemia. Esse mural funciona como uma nova modalidade para armazenar e distribuir atividades para os alunos;
- Solicitar que acessem o mural através do link e coloquem fotos da infância e escrevam uma pequena mensagem sobre aquele momento.

💡 Professor, os alunos gostam quando fazemos a leitura e aos poucos vão se sentindo confiantes para fazê-la também. Quando a leitura é feita pelo professor, o aluno vai percebendo a entonação e assim, vai aprendendo o uso de pontuações naturalmente.

📌 O mural virtual é um recurso do padlet que serve como uma ferramenta pedagógica importante para reforço das atividades. Você pode criar o mural na plataforma PADLET. Pode ser usado também no GOOGLE CLASSROOM.

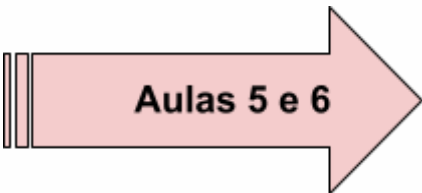


- A partir das publicações no mural virtual, incentivar a produção de textos com o tema “ Minha infância”. Em seguida, pedir que troquem de textos com os colegas e sugerir a leitura, caso sintam à vontade para assim fazê-la.
- O professor também analisará os textos e incentivará a reescrita como forma de adequar o texto ao gênero proposto.

 Professor, muitos alunos da EJA são participativos e gostam de fazer a leitura de suas produções!

Esta atividade aproxima a relação entre alunos e professor e melhora a relação ensino-aprendizagem.

Nem sempre eles gostam da reescrita, depende muito da dinâmica do professor na construção deste processo.



Aulas 5 e 6

- Fazer a leitura do texto **“O amanhecer e o anoitecer de uma vida”** do aluno Júnior da Silva Dias / Olimpíada de Língua Portuguesa (2012). Com os alunos em círculo, fazer uma leitura coletiva, onde cada um lerá um parágrafo e em seguida, deixar que fiquem à vontade para falar sobre a escola da infância, como também, da primeira professora. Solicitar, então, que façam uma entrevista com um familiar mais idoso, e gravem em áudio, sobre a escola de sua infância para assim colocarmos no mural virtual.

TEXTO II

O amanhecer e o anoitecer de uma vida

Aluno: Júnior da Silva Dias

Nasci e cresci na Fazenda Mangai – um lugar lindo e verdadeiro, onde o campo era coberto de árvores enfeitadas com belas flores coloridas. Foi nesse paraíso que vivi a minha infância e parte da minha adolescência, antes de vir para a zona urbana, em Amambai.

Nesse maravilhoso lugar, toda manhã assistia de camarote ao nascer do sol, e às vezes acordava antes de o galo cantar no poleiro. Trabalhei muito desde pequena, mas me divertia ouvindo o canto dos pássaros através de seus pequenos bicos. Gostava de ver os tucanos, os periquitos, os pardais, até as corujas com seus hábitos noturnos. Apesar do colorido e da beleza da natureza, minha vida começou muito nublada, sem cores e sem brincadeiras.

Naquela época, nós, mulheres, não éramos muito vaidosas, não tínhamos tantos cuidados com a beleza física como as mulheres de hoje. Também não tínhamos os cosméticos à mão e ainda precisávamos ficar atentas à fumaça das lamparinas, pois elas nos tingiam de preto. Durante os bailes, de vez em quando íamos lavar o rosto coberto de carvão e os pés tomados de poeira do chão feito de cupim branco, batido, dos salões improvisados. Atualmente as pessoas me conhecem como dona Amélia, a mulher dos cabelos vermelhos, como a lava de um vulcão. É isso mesmo! Chega de cores pálidas e tristes! Afinal, tenho de aproveitar o momento, demonstrar meus sentimentos por tanto tempo contidos naquele mundo masculino que só valorizava a opinião e os sentimentos dos homens.

Minha vida foi marcada por uma máscara que nos escondia a nós, mulheres, das decisões mais importantes, que era a escolha do grande amor de nossa vida – eu ainda levei sorte, pois meu pai costumava ouvir os meus apelos, era a que estava sempre próxima, servindo o chimarrão – e o voto nas eleições. Nós só sabíamos do resultado da escolha masculina.

O casamento era um acontecimento para nossas famílias. Os parentes vinham de longe para participarem da festa, chegavam atirando para cima como uma forma de demonstrar sua alegria. Era uma explosão de emoções! Lembro-me de um casamento que foi carimbado com alegrias e tristezas, porque uma moça, chamada Cotinha, foi inventar de aprender a atirar durante a festa do casamento de Benzoca e de seu ex-namorado

(da Cotinha), mas o tiro saiu na direção errada e acertou o noivo, que bateu as botas. Foi uma tristeza só! 67 Professora: Dalva Meiri dos Santos
Escola: E. M. Professora Maria Bataglin Machado – Amambai (MS)

Nos velórios, antigamente, era comum colocar um pano preto na porta como sinal de que a família estava de luto. As mulheres costuravam, durante a noite inteira, roupas pretas para vestir os parentes enlutados, enquanto os homens, com suas próprias mãos, faziam o caixão do defunto.

Também, naquele período, não havia escola pelas redondezas. Fiquei tempos sem estudar, mas, depois que arranjei um par de calças, vim morar na cidade e comecei a estudar. Já tinha 22 anos, mas parei na terceira série, pois precisava cuidar da casa e dos filhos.

Quando vim morar na cidade, só havia algumas residências e alguns armazéns.

Uma das lembranças do meu passado que guardo no coração é a dança, pois, quando danço, sinto-me como uma folha solta, caindo lentamente, levada pelo vento, ao ritmo da música, para lá e para cá, leve, sem preocupação com os problemas que fazem parte do cotidiano.

Hoje, os aparelhos modernos como a televisão, o celular e o computador tornam nossa vida como um conto de fadas. Naquela época esse conforto estava longe de nossos sonhos. Nós tomávamos banho em casinhas de madeira. Para vestir uma roupa passada, tínhamos que passar no ferro a brasa, que era tirada do fogão a lenha, onde nós preparávamos nossas refeições. Aliás, o arroz era socado em pilão e a mandioca, arrancada ainda de madrugada, para fazer polvilho.

A minha preciosa vida era difícil, porém ficou mais fácil, mais alegre e sorridente. Mas, o fim dela ainda não sei, apesar de que já se faz noite em meu viver. O que sei é que as lembranças do meu passado nunca vão

morrer e, se morrerem, renascerão como a fênix, nas páginas abertas de um livro de memórias.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Amélia Guazina.)

**Professora: Dalva Meiri dos Santos Escola: E. M. Professora Maria Bataglin
Machado – Amambai (MS)**

fonte:www. escrevendoofuturo.gov.br

🖥️ Professor, esta atividade aproxima-se dos educandos, dos familiares e proporciona maior interação e valorização da figura dos avós como também dos pais, outrora perdida devido a conflitos do dia a dia, além de permitir as memórias afetivas da escola, como um lugar de aprendizagem e crescimento.

📺 É importante destacar que nem todas as escolas dispõem de laboratório de informática, porém a atividade pode ser feita na sala mesmo, ou em outro ambiente.

- Logo após, apresentar a capa do filme “ Central do Brasil” e pedir que descrevam a cena apresentada. Após as respostas, perguntar quantos conhecem ou já assistiram ao filme. (Aguardar as respostas)

Figura 2. Capa do filme Central do Brasil



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Central_do_Brasil_%28filme%29

AULAS 7 e 8

- Levar a turma para o Laboratório de Informática e analisar as entrevistas feitas e publicar no mural virtual. Logo após, apresentar a capa do filme “Central do Brasil” e deixar que falem sobre suas impressões. Em seguida, fazer a leitura da sinopse e assistir a três recortes do filme: A primeira cena quando Dora escreve a carta de Ana, mãe de Josué, para seu pai que reside no interior da Bahia; a segunda cena quando Dora conversa com a amiga sobre as cartas e por fim, a terceira cena quando viajam em busca do pai. Será que encontrarão? Como será esta viagem pelo sertão nordestino?

Figura 3. Dora escreve a carta para o pai de Josué



Fonte: <https://www.confriadaslagartixas.com>

Figura 4. Dora conversa com a amiga sobre o destino das cartas



Fonte: <https://natelinha.uol.com.br>

Figura 5. Dora e Josué partem em busca do pai



Fonte: <https://mubi.com/pt/films/central-station>

- Incentivar que os alunos assistam ao filme completo enviando o link para o grupo de whatsapp e mural virtual;
- Conversar sobre os temas tratados nos recortes: abandono, analfabetismo, imigração, honestidade, Nordeste...
- Deixar que a turma expresse suas opiniões e fale sobre familiares que também saíram em busca de melhoria, principalmente para as regiões Sul e Sudeste e como era a forma de comunicação entre eles. Ressaltar a importância da carta, como um meio de comunicação, para diminuir a saudade e enviar notícias. Aproveitar para trazer reflexões sobre a comunicação escrita desde a pintura rupestre até os dias atuais.

Figura 6. Carta enviada a familiares



Fonte: brasilecola.uol.com.br

- Pedir que publiquem no mural virtual fotos com dedicatórias, cartões ou cartas.

Figura 7. Minha vó,tia, irmãos e primos / Dedicatória



Fonte: Arquivo pessoal, 1984.

🚩 Professor, é importante destacar o valor sentimental que as cartas tinham na vida das pessoas. Podemos verificar que alguns guardam ainda estas memórias.

Aulas 9 e 10

- Fazer comentários sobre as publicações no mural virtual e aguardar que os alunos participem, deixando suas impressões sobre a atividade.
- Em seguida, distribuir o texto de Adélia Prado : **“O que a memória ama, fica eterno ”** e o texto **“Minha terra”**, de autoria da sergipana Etelvina Amália, na participação da Coletânea de Edna Caroline Alexandria. Fazer a leitura coletiva e aguardar que alguns alunos falem sobre o texto e as memórias que marcaram suas vidas.
- Ressaltar a importância dessas memórias como encorajamento para fazermos tudo melhor.

- Solicitar ainda que os alunos postem no mural ou no grupo de whatsapp, uma comida que lembra a infância, bem como uma frase falando sobre o preparo deste prato e quem o preparava.

TEXTO III

O que a memória ama, fica eterno

Quando eu era pequena, não entendia o choro solto da minha mãe ao assistir a um filme, ouvir uma música ou ler um livro. O que eu não sabia é que minha mãe não chorava pelas coisas visíveis. Ela chorava pela eternidade que vivia dentro dela e que eu, na minha meninice, era incapaz de compreender.

O tempo passou e hoje me emociono diante das mesmas coisas, tocada por pequenos milagres do cotidiano. É que a memória é contrária ao tempo. Enquanto o tempo leva a vida embora como vento, a memória traz de volta o que realmente importa, eternizando momentos. Crianças têm o tempo a seu favor e a memória ainda é muito recente. Para elas, um filme é só um filme; uma melodia, só uma melodia. Ignoram o quanto a infância é impregnada de eternidade.

Diante do tempo, envelhecemos, nossos filhos crescem, muita gente parte. Porém, para a memória, ainda somos jovens, atletas, amantes insaciáveis. Nossos filhos são crianças, nossos amigos estão perto, nossos pais ainda vivem.

Quanto mais vivemos, mais eternidades criamos dentro da gente. Quando nos damos conta, nossos baús secretos – porque a memória é dada a segredos – estão recheados daquilo que amamos, do que deixou saudade, do que doeu além da conta, do que permaneceu além do tempo.

A capacidade de se emocionar vem daí, quando nossos compartimentos são escancarados de alguma maneira. Um dia você liga o rádio do carro e toca uma música qualquer, ninguém nota, mas aquela música já fez parte de você –

foi o fundo musical de um amor, ou a trilha sonora de uma fossa – e mesmo que tenham se passado anos, sua memória afetiva não obedece a calendários, não caminha com as estações; alguma parte de você volte no tempo e lembra aquela pessoa, aquele momento, aquela época...

Amigos verdadeiros têm a capacidade de se eternizar dentro da gente. É comum ver amigos da juventude se reencontrando depois de anos – já adultos ou até idosos – e voltando a se comportar como adolescentes bobos e imaturos. Encontros de turma são especiais, por isso, resgatam as pessoas que fomos, garotos cheios de alegria, engraçadinhos, capazes de atitudes infantis e debilóides, como éramos há 20 ou 30 anos. Descobrimos que o tempo não passa para a memória. Ela eterniza amigos, brincadeiras, apelidos... mesmo que por fora restem cabelos brancos, artroses e rugas.

A memória não permite que sejamos adultos perto de nossos pais. Nem percebem que crescemos. Seremos sempre “as crianças”, não importa se já temos 30, 40 ou 50 anos. Pra eles, a lembrança da casa cheia, das brigas entre irmãos, das histórias contadas ao cair da noite... ainda são muito recentes, pois a memória amou, e aquilo se eternizou.

Por isso é tão difícil despedir-se de um amor ou alguém especial que por algum motivo deixou de fazer parte de nossas vidas. Dizem que o tempo cura tudo, mas não é simples assim. Ele acalma os sentidos, apara as arestas, coloca um band-aid na dor. Mas aquilo que amamos tem vocação para emergir das profundezas, romper os cadeados e assombrar de vez em quando. Somos a soma de nossos afetos, e aquilo que amamos pode ser facilmente reativado por novos gatilhos: somos traídos pelo enredo de um filme, uma música antiga, um lugar especial.

Do mesmo modo, somos memórias vivas na vida de nossos filhos, cônjuges, ex-amores, amigos, irmãos. E mesmo que o tempo nos leve daqui, seremos eternamente lembrados por aqueles que um dia nos amaram.”

Adélia Prado Luiza Prado de Freitas é uma poetisa, professora, filósofa, romancista e contista ligada ao Modernismo.

fonte: www.recantodasletras.com

TEXTO IV

Minha terra

I

Minha terra é uma criança
Sempre risonha, não chora,
Encantada das belezas
Com que a natura a enflora.

(...)

II

Á sombra dos adustos cajueiros,
Aspirando o perfume de seu selo,
Eu porei dos anjos a harmonia,
As venturas do céu, que doce enleio!

(...)

III

Tem uma serra orgulhosa,
Invejada no Brasil;
Ribeirinhos cor de prata,
E um céu de puro anil.

(...)

Fonte: Coleção "Histórias de Sergipe": As ideias modernistas em Sergipe entre os anos de 1920 e 1930 / Edna Caroline Alexandria

💡 Professor, nas atividades relacionadas à fala, observar se os alunos respeitam o turno da fala e aproveitar para ressaltar a importância de saber ouvir para ser ouvido.

Aulas 11 e 12

- Conversar sobre culinária, material solicitado na aula anterior. Deixar que cada um se manifeste sobre essas recordações e que importância tem em suas vidas. Observar se todos participam e se esperam a vez do outro falar;
- Logo após, dividir a turma em grupos para a leitura de dois textos “ **Carreiro de memórias**”, da aluna Beatriz Aparecida Melo Garcia (Olimpíada de Língua Portuguesa, 2012) e “**Encontros e desencontros**”, de minha autoria, na participação da coletânea “ Sobre nossas avós, idealizada pela orientadora Profª Dra. Maria Aparecida, em 2021. Através desses, estudar sobre as características do gênero textual “ Relato de memórias”: parte da oralidade para escrita, é escrito em primeira pessoa e os verbos são, predominantemente, no passado, já que se tratam de memórias.

TEXTO V

Carreiro de memórias

Aluna: Beatriz Aparecida Melo Garcia

O tempo passou sem que eu percebesse. Lá se foram 81 anos, todos vividos neste casarão centenário, cheio de histórias, fincado nas terras de Minas Gerais, na pequena comunidade dos Antunes, zona rural de Santa Bárbara do Tugúrio. Ainda há pouco, sentado na varanda, com o pito de palha no canto da boca, matutando, avistei meu carro

de boi, carcomido pelo tempo, abandonado debaixo da gameleira. Aquela imagem me fez voltar à infância e carrear antigas lembranças. Época em que a cana-de-açúcar, o alambique, a cachaça e a bagaceira movimentavam esse lugar. Tudo orquestrado pelo canto do carro de boi. Meu avô, tenente Antunes, forte como aroeira e doce como jabuticaba, estava no comando. Eu tinha 7 anos quando ele me ordenou que o aguardasse no escritório. Temi que meu avô houvesse descoberto que eu armara um alçapão para pegar canarinho. Ele dizia: “Quem prende passarinho não entende nada de beleza, tem aleijão na alma”. Com minhas asas encolhidinhas, rumei para o escritório. Não tardou, ele chegou e falou de supetão: “A partir de amanhã você será o carreiro da nossa comunidade, condutor dos bois que transportam cana para o alambique da fazenda”. Naquela época, carreiro era a profissão mais importante do lugar. Eu não tinha noção disso, era apenas um menino. Sabia só do alívio que senti por não ser pego em minha travessura. Passei a sair de madrugada. Levava no embornal (bolsa para transportar alimentos) a marmita, a rapadura e o coité (moringa feita de cabaça) com água. Comigo iam dois homens bons: Doraci e Benondio. Quanto mais pesada era a carga, mais o carro cantarolava. Os bois obedeciam ao meu comando. Não era preciso usar ferrão. À tardezinha, voltávamos para casa. De longe eu sentia o olhar orgulhoso de meus pais e de meu avô me abençoando. Minha mãe aquecia uma caçarola com água e colocava na bacia para eu me banhar. Depois nos servia o jantar, preparado em panelas de ferro, no velho e bom fogão a lenha. Daí a pouco, todo o pessoal do lugar se reunia no casarão para estudar. Meu avô contratara um professor e fizera do maior salão desta casa a primeira sala de aula de nossa comunidade. Todos, sem distinção, foram convidados a estudar aqui. 69 Professora: Maria Inês Resende Escola: E. M. Antônio Francisco da Silva - Santa Bárbara do Tugúrio (MG) O domingo era dia santo, de reza e descanso. Nós, além de rezar, jogávamos bola. Tínhamos dois times: Arranca Toco e Pé Rachado. Soltávamos pipa, tomávamos banho no ribeirão e ouvíamos as histórias de meu avô. O mais curioso é que hoje, com toda a tecnologia e brinquedos eletrônicos, as crianças ainda insistem em brincar assim. Só mudaram os figurantes. Os meninos são outros. O contador de histórias também. Sou uma criança de ontem que sopra o passado nos ouvidos das crianças de hoje e que sente por não poder contar ao avô, menino de anteontem, uma história que se inicia agora. Pois não me esqueço do domingo em que o acompanhei até o porão. Ele me contou que na época de seu pai, meu bisavô Joaquim Antunes, ali era uma senzala e que foram os escravos, sem receber um vintém, que ergueram a casa-grande. Trouxeram, de longe e nos braços, pedras e madeiras enormes. Muitos morreram de exaustão. Falou-me da vergonha que sentia e da nossa dívida para com o povo negro. Aquilo caiu em meu peito como uma

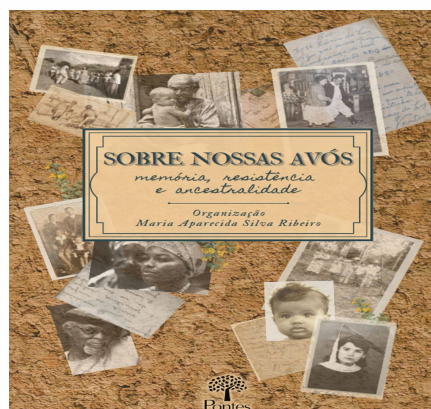
oração de domingo, e o respeito aos afrodescendentes se enraizou em mim. É por isso que eu queria comungar com ele uma história que começa agora. Sei que sua alma, sem aleijão, iria sorrir ao ouvir que hoje os negros têm lugar reservado em universidades e que nas escolas, inclusive nas do nosso município, as crianças estudam a cultura africana. Será que começamos a saldar nossa dívida? Espero que sim. E, enquanto a vida ruma para o amanhã, da minha janela vejo o carro de boi cabisbaixo. Cabisbaixo também estou. Caímos em desuso. Já não se pode ver o carro de boi passar cantando, conduzido pelo menino que se divertia em carrear. Nossa poesia se perdeu no tempo. Resta a ele trazer-me as recordações daquela época. Resta a mim carregá-las.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Vicente Antunes Garcia.

Professora: Maria Inês Resende Escola: E. M. Antônio Francisco da Silva – Santa Bárbara do Tugúrio (MG)

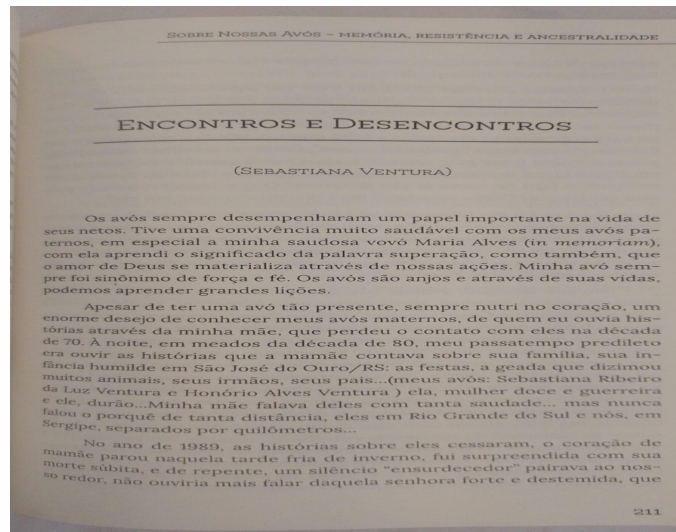
fonte: www.escrevendoofuturo.gov.br

Figura 8. Capa da coletânea “ Sobre nossas avós”



Fonte: Coletânea “Sobre nossas avós”,2021

Figura 9. Fragmento do texto Encontros e desencontros



Fonte: Coletânea Sobre nossas avós/ Texto do Próprio Autor

 Nesta atividade, é importante conversar sobre o papel dos avós na nossa formação e apresentar outros textos da coletânea para que o aluno se sinta motivado a ler todo o livro.

Aulas 13 e 14

- No Laboratório de Informática, analisar os textos trabalhados e atividades realizadas, atentando para as características do gênero em questão, para então, partirmos para a nossa produção textual, escrevendo assim sobre acontecimentos que marcaram a nossa vida desde o nascimento, como a escolha do nome, um evento inesquecível, a primeira professora, a troca de dentes, dentre outros.
- Solicitar que troquem de texto com um colega para que façam

considerações sobre o que leram e após a supervisão do professor, publicar no mural virtual.

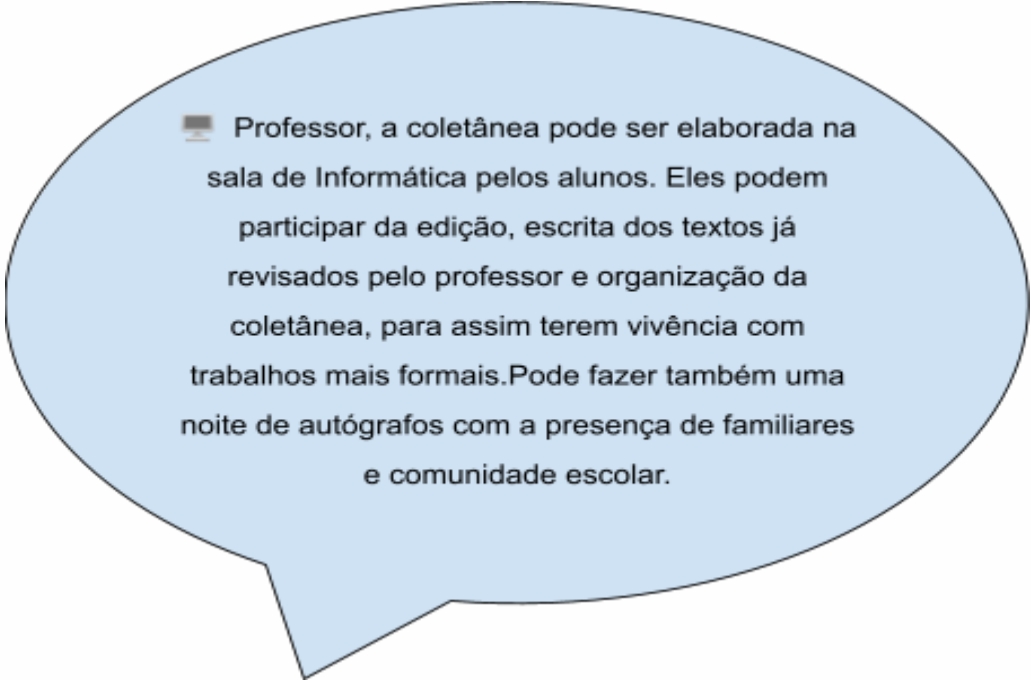
Figura 10. Laboratório de Informática



Fonte: Arquivo próprio

Aulas 15 e 16

- Nesta última etapa ,será a culminância deste produto analisando a participação dos envolvidos. Apresentar o mural virtual com as atividades trabalhadas e solicitar que façam feedback.
- Convidar um familiar idoso para troca de experiências e levar pratos da culinária da infância.
- Organizar o material produzido pelos alunos em uma coletânea com o tema “Minhas memórias”.Esse material será produzido com as atividades realizadas pelos alunos: os textos,as fotos da infância, cartas, comidas que lembram a infância, entrevista, fotos e relatos da culminância.



Professor, a coletânea pode ser elaborada na sala de Informática pelos alunos. Eles podem participar da edição, escrita dos textos já revisados pelo professor e organização da coletânea, para assim terem vivência com trabalhos mais formais. Pode fazer também uma noite de autógrafos com a presença de familiares e comunidade escolar.

3.2. Aplicação da Sequência Didática (algumas etapas)

De acordo com a resolução nº 003/2021 do Conselho gestor de 31 de março de 2021, a turma 7 do Profletras não precisaria, necessariamente, aplicar o produto, devido ao enfrentamento do COVID-19, porém foi possível realizar algumas etapas.

Nas duas primeiras aulas, falei sobre a sequência didática, sobre os objetivos em realizar as atividades e já pedi que entrassem no mural virtual através do link enviado para o grupo de whatsapp. Eles já conheciam o mural, pois já vínhamos trabalhando desde as aulas remotas, foi portanto, um dos recursos mais apreciados por eles. Ainda nessas aulas, levei o texto impresso de Tatiana Belinsky, “Transplante de menina” e fiz a leitura, e logo após solicitei que falassem suas impressões sobre o texto. Alguns alunos que vieram de outros estados falaram das dificuldades de adaptação, mas viram oportunidades nos recomeços. De uma turma com 12 alunos presentes, apenas 3 não se manifestaram. Terminamos a aula refletindo sobre quem somos. Os alunos tiveram dificuldade em falar sobre si, disseram não saber o que falar ou não se sentiram à vontade. Apenas 5 alunos se manifestaram e falaram sobre saudade, despedida e momentos em família. Solicitei então, que publicassem fotos da infância no mural virtual.

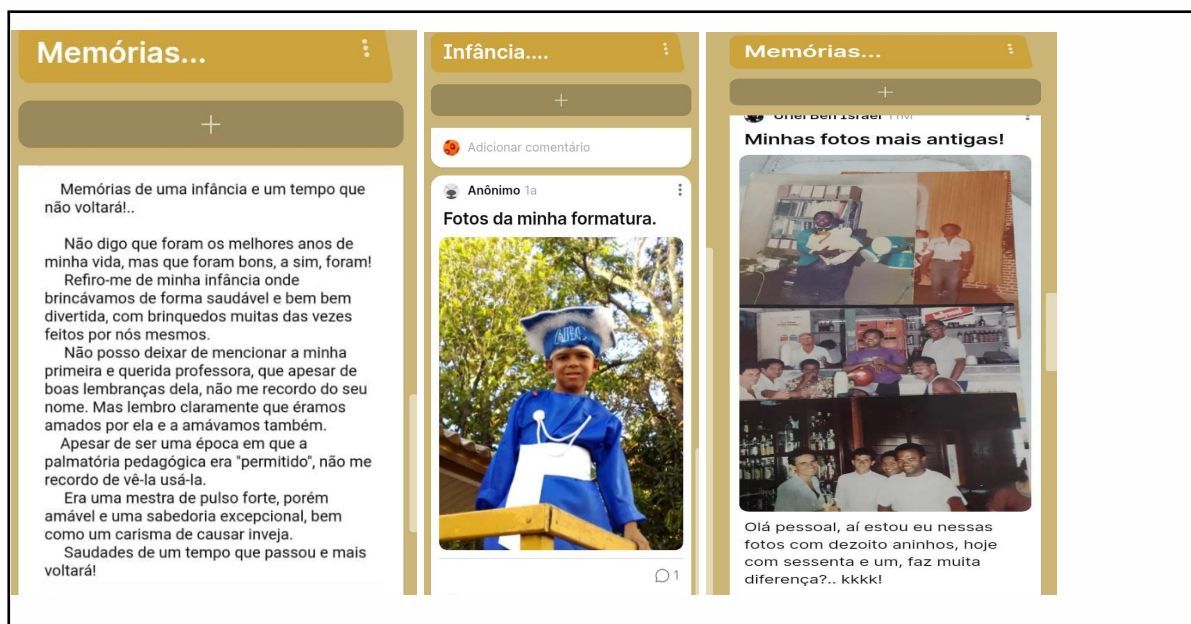
Figura 11. Sala de aula: momento de leitura



Fonte:Arquivo próprio

Nas aulas 3 e 4 falamos sobre as publicações no mural virtual e em seguida ,pedi que escrevessem sobre o tema “ Minha infância” O momento da escrita é sempre muito delicado, eles acham que “não sabem escrever”, sobretudo sobre eles, porém, depois das conversações , tivemos um bom resultado, saíram algumas produções, que compartilharei logo abaixo, após o mural virtual.

Figura 12. Mural virtual



Fonte:<https://padlet.com/giseldaalves690/meu-padlet-mem-rias-ol-este-o-nosso-mural-virtual-vamos-fala-oqifsnmovfbo1swh>

PRODUÇÃO TEXTUAL "MINHA INFÂNCIA"

Texto 1

É não tanto muito ~~que~~ fala minha infância não foi olais melhores mas se agradeço a Deus por ter chegado até aqui meia sem força mais Estou tentando ^M meu passado ele me condena muito algo mim encomenda da muito eu não sei explicar o que é eu tento ^{ser} cada vez melhor so que está difícil minha infância fase so trabalha e apanha tem dia que estão destruída por dentro mais eu sei que vou conseguir eu tenho muito medo de nada da certo pra mim, eu nunca consigo perde esse medo tento dixa ele de lado mais é difícil então é sobre isso essa foi minha infância

A vida é feita de encontros. Foi muito bom encontrar VOCÊ!!!

Texto 2

Minha vida 09/10/2020
Olá eu ^{me} chamo [nome], nasci em Abril de 2006 tenho 16 Anos e morei em Sedreópolis Agora morei em Aracaju Se meu Brasil 17 de março. ^M Minha infância foi boa eu brincava muito com meus amigos e tinha brinquedos muito bom eu tinha muito comida com eles até hoje meu pai se separou eu tinha 7 anos eles brincavam muito se minha mãe morava no Fernando Colar com meu pai depois que eles se separaram brincavam se minha mãe trabalha para meu pai em 2010 com eu e meus 3 irmãos porque não clara certa então passa minha vida agora e até hoje meu morei agora eu em 2020 eu conheci meu marido num momento e (atualmente) meu marido morei junto e to visando minha vida minha mãe trabalha e meu pai ta no Paraná passa de leilas e ta visando a vida com graças a Deus.

Texto 3

minha infância foi um pouco perturbadora por preconceitos, sofri muitas bullying na escola, na rua por família. minhas brincadeiras favoritos era queimado, fogueira, esconde, jogo de cartas, e pega-pega. Com tempo aprendi a lidar com muitas situações como o preconceito de família e da sociedade que apesar do mundo ser evoluído atualizado ~~mas~~ ainda existe muito. Mas criei, madurei aprendi a ser forte, me aceitei ser verdadeiro e que sou uma jovem trans que trabalha que desistiu do curso Estética mais hoje em dia retornei trabalho e luto pelos seus direitos na sociedade e no ~~mundo~~ mundo então em poucos palavras fiz um resumo sobre mim.

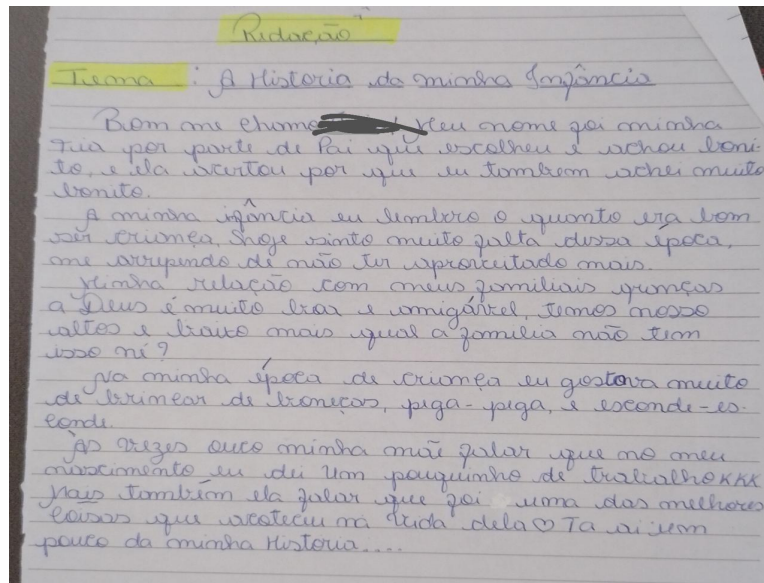
A vida é feita de encontros. Foi muito bom encontrar VOCÊ!!!

Abençoada! 😊

Texto 4

Me chamo [nome], tenho 12 anos. Estudo no Alau, moro com meu nomeado e estou gestante de 6 meses de uma menina. Quero fazer pedagogia e futuramente ter uma loja de roupas, fui criada com meus avós, tenho 7 irmãos, 3 de parte de mãe e 4 de parte de pai. Já ensinei lições (Refeição Escolas) com 14 anos com minha ex madrinha de 1º ao 5º ano. Essa foi minha redação mostrando um pouquinho de "quem sou eu".

Texto 5



Na fase desta primeira atividade de escrita, do total de nove alunos presentes na turma, apenas cinco quiseram escrever. Uma aluna não quis escrever porque disse que sofreu abuso e não se sentia à vontade para escrever sobre esta fase da vida.. Os demais não mostraram interesse pela atividade. Pude perceber, posteriormente, que esses alunos tinham dificuldade com a escrita, visto que ainda não eram alfabetizados, mas participaram no momento das conversas.

Figura 13. Momento da produção textual



Fonte: Arquivo próprio

Nas aulas 5 e 6 fizemos uma roda de conversa para analisarmos o texto do aluno Júnior **O amanhecer e o anoitecer de uma vida**. Cada aluno teve a oportunidade de ler um parágrafo, alguns não quiseram ler, mas falaram sobre o texto, sobre as lembranças da primeira professora, dos colegas daquela época e os motivos que os levaram a abandonar a escola. Dentre os motivos apresentados, o mais relatado foi a necessidade de trabalhar para o sustento da família, seguido da maternidade, que veio na adolescência. Outro ponto de destaque no texto foi a questão do espaço da mulher, casamento e as novas tecnologias.

Figura 14. Roda de conversa



Fonte:Arquivo Próprio

Após a atividade com o texto, falei sobre a entrevista com um familiar ou parente mais antigo para falar sobre a escola de sua infância. Todos ficaram entusiasmados com a atividade e se reuniram em grupos para definir como seria e quem seriam os possíveis entrevistados. As avós ficaram em primeiro lugar na lista, pelo fato de muitos serem criados por estas.

Uma característica marcante é que a IV EJA não tem assiduidade nas aulas. Muitos faltam com frequência e alegam estar trabalhando ou cuidando dos filhos. É, portanto, um desafio fazer com que eles assistam às aulas ininterruptamente. Estas sequências já estão trazendo resultados na participação, eles ficam motivados pela etapa seguinte.

4. PALAVRA FINAL

De acordo com o (IBGE) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2019, ainda há 11.041 milhões de analfabetos acima de 15 anos no Brasil. O PNE (Plano Nacional de Educação) tinha como meta reduzir este índice até 2015 e pretende erradicar o analfabetismo até 2024, sendo este índice restrito ao ato de ler e escrever.

Sabemos, portanto, que apenas decodificar os códigos, não é garantia de acesso desse jovem à participação ativa na sociedade que exige cada vez mais, o uso de novas tecnologias, capacidade de liderança e de solucionar problemas. Para Paulo Freire, alfabetizar é muito mais do que ensinar a ler e escrever, é portanto, resgatar a força e a coragem para participar do mundo de forma crítica e consciente.

As leis asseguram uma educação de qualidade para todos que garantem o pleno desenvolvimento do indivíduo, portanto as políticas públicas aceleram os índices que servem apenas para estatísticas e o jovem ainda tem dificuldade de encontrar seu lugar na sociedade.

É urgente que repensemos a nossa prática em sala de aula , não como sentimento de culpa, mas com a convicção de que os tempos mudaram e exigem cada vez mais uma mudança da comunidade escolar em geral. E a EJA (Educação de Jovens e Adultos) precisa estar inserida neste contexto.

Esta atividade trabalha ,portanto, as quatro modalidades da língua defendidas por Antunes : “falar,ouvir,ler e escrever textos em língua portuguesa, dentro de uma distribuição e complexidade gradativas, atentando o professor para o desenvolvimento já conseguido pelos alunos no domínio de cada habilidade”. (ANTUNES,2003,p.111)

É uma sequência que pode ser também aplicada no ensino regular ou qualquer nível de ensino e de acordo com o desenvolvimento da turma, trabalhar livros de autores autobiográficos, a exemplo de José Lins do Rego (Meus verdes anos e Menino de Engenho);Marcelo Rubens Paiva (Feliz Ano Velho); Graciliano Ramos (Infância), bem como seus respectivos filmes. É importante o trabalho com a literatura local para que o educando conheça aspectos de sua realidade.

Outra atividade também, seria fazer um podcast com as histórias da infância, uma simulação de entrevista para um programa de televisão, e relacionar as novas tecnologias aos tempos remotos como uma entrevista para a rádio, dentre outros.

Por fim, precisamos ter em mente que temos o nosso principal recurso, que é o aluno. Enquanto as políticas públicas não acontecem, de fato, façamos a nossa parte para assim, contribuirmos para uma sociedade mais justa, solidária, afetiva, democrática e crítica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRIA, Edna Caroline . **As ideias modernistas em Sergipe entre os anos de 1920 e 1930.** -1.ed.-Aracaju,SE :Editora Seduc,2022.

ANTUNES, Irandé,1937. **Aula de Português: encontro e interação.**- São Paulo:Parábola Editorial, 2003.

ALTENFELDER, Anna Helena; CLARA, Regina Andrade. **Memórias literárias. Portal da olimpíada de língua portuguesa.** Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/artigos/artigo/1339/o-gen-eromemorias-l/> Acesso em 05/ 09/ 2022

BAKHTIN, M. M. **O problema dos gêneros discursivos.** In: Estética da criação verbal. Tradução Paulo Bezerra . São Paulo: Martins Fontes. 2003.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: os conteúdos de língua portuguesa no ensino fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDIDO, Antonio. **O direito à Literatura.** Vários escritos. 3.edição.São Paulo. Duas cidades, 1995

Congresso Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996.** Disponível em: .L9394 OBS. VER SITE

_____. Congresso Nacional. Lei n. 9475, de 22 de julho de 1997. Brasília, 1997.

Currículo de Sergipe: educação infantil e ensino fundamental / Ana Lúcia Lima da Rocha Muricy Souza, Adailson de Jesus Silveira, coordenadores .-Aracaju MEC,SEDUC,UNDIME,2018. 104p.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2013.

[Educação de adultos: Declaração de Hamburgo, agenda para o futuro](#). Disponível em unesdoc.unesco.org.1997- acesso em 11/10/2022.

ELIAS, José., 1936-2008. **Memória, cultura e literatura: o prazer de ler e recriar o mundo**/Elias José. — São Paulo: Paulus, 2012. — (Coleção apoio pedagógico)

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**.5.ed.São Paulo, Cortez, 2001.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia da esperança**.Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1998.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 18 ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

Kiko Machado. **Relação entre cinema e literatura**. Youtube, 28/05/2021. Disponível em www.youtube.com.br / acesso em 07/09/2022.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes, 1993. _____. **Texto e leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 1999.

KLEIMAN, Ângela B.; MORAES, Silvia E. **Leitura e Interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Coleção Ideias sobre Linguagem. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**, ática, 5a edição, São Paulo, 1999.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2011.

MACHADO, Ana Maria. **Texturas: sobre leituras e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MAIA, J. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

MOREIRA, Eliany Silva De Argôlo. **A construção da lecto-escrita na EJA: Oralidade e letramento**. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 02, Vol. 03, pp. 138-144. Fevereiro de 2020. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/lecto-escrita-na-eja>

PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (orgs.). **Leituras Literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. (Coleção Literatura e Educação)

Parábola Editorial. **A função da literatura na escola**. Youtube, 30/10/2021. Disponível em www.youtube.com.br / acesso em 10/09/2022

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Daniel Pennac: tradução de Leny Werneck-Rio de Janeiro . Ed. Rocco, 1993.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, Mercado de Letras, 1996.

PROUST, Marcel , 1871-192 2 **Sobre a leitura** / Marcel Proust: tradução Carlos Vogt - Campinas. S P : Pontes , 4ª edição , 2003.

REGO, José Lins.**Memórias.Apresentação:** Fábio Lucas. 9 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2011.

RIBEIRO,Maria Aparecida (org). **Sobre nossas avós: memória, resistência e ancestralidade/** Organizadora: Maria Aparecida Ribeiro .-1a ed. -Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

SARAMAGO, José. **As pequenas memórias.** Lisboa: Caminho, 2006.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet.** 2 ed. Trad. Jovita M G Noronha e Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Ato de Ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SOARES, Leônicio José Gomes. **O surgimento dos Fóruns de EJA no Brasil: articular, socializar e intervir.** In: RAAAB, alfabetização e Cidadania – Políticas Públicas e EJA. Revista de EJA, n.17, maio de 2004.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura.** Ed. Ática. São Paulo, 1989.